

Os conceitos de Gilbert Simondon como fundamentos do Design

Gilbert Simondon's concepts as foundations for design

Chagas, Filipe; Mestrando em Design do PPD-ESDI; Universidade Estadual do Rio de Janeiro

contato@filipechagas.com

Campos, Jorge Lúcio de; Doutor e Pós-Doutor em Comunicação e Cultura; Universidade Federal do Rio de Janeiro

jluciocampos@gmail.com

Resumo

Novas problemáticas apontam a filosofia para novas direções: o de redefinir, por exemplo, a relação entre o homem e a máquina, numa sociologia da inovação que não vê na técnica apenas um instrumento a serviço de interesses ideológicos, mas também um importante espaço de mediação. O pensador francês Gilbert Simondon foi um dos responsáveis por esse redirecionamento, cujas idéias vêm ganhando visibilidade no cenário filosófico. Este ensaio se propõe, mesmo que concisamente, apresentar e inserir suas teorias no universo do design, buscando contribuir com o espírito de revisão e de reavaliação em curso neste campo de atividade.

Palavras Chave: branding, design, filosofia.

Abstract

New problems point to new directions for philosophy: to redefine, for example, the relationship between man and machine in a sociology of innovation that doesn't see the technique only as an instrument for ideological interests, but also as an important area of mediation. The French philosopher Gilbert Simondon was one of the responsible for that redirection, whose ideas are getting visibility at the philosophical scenario. This article pretends concisely to present and include his theories in the universe of design, seeking help with the spirit of review and reassessment underway in this field of activity.

Keywords: branding, design, philosophy.

Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design

8 a 11 de outubro de 2008 São Paulo – SP Brasil ISBN 978-85-60186-03-7

©2008 Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil (AEND|Brasil)

Reprodução permitida, para uso sem fins comerciais, desde que seja citada a fonte.

Este documento foi publicado exatamente como fornecido pelo(s) autor(es), o(s) qual(is) se responsabiliza(m) pela totalidade de seu conteúdo.

Um breve perfil biográfico

Nascido em Saint-Etienne, França, em 2 de outubro de 1924, Simondon cedo se interessou pela maneira como as inovações científicas e tecnológicas eram recebidas pela sociedade.

Georges Canguilhem¹, Martial Guérout² e Maurice Merleau-Ponty³ estiveram entre seus professores nos cursos de Física e de Filosofia no Liceu Descartes, em Tours (1948-55). Doutorou-se em 1958, habilitando-se como docente em universidades francesas. Escreveu ensaios em cadernos de pedagogia e de psicologia, contribuindo para o estudo de novos processos de ensino e aprendizagem de cultura técnica. Os derradeiros anos de sua vida foram marcados por um sofrimento psíquico que o levaria a antecipar sua aposentadoria. Faleceu em 7 de fevereiro de 1989.

Entre seus escritos se destacam *L'individu et sa genèse physico-biologique – L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information* (publicado em 1964) e *L'individuation psychique et collective* (publicado em 1969). Ambos integravam sua Tese da qual se originou sua obra principal *Du mode d'existence des objets techniques* (publicada em 1989).

Os objetos técnicos

Simondon organiza as idéias desta última em torno de três centros: no primeiro, aborda, fundamentalmente, a relação entre homem e objeto técnico; no segundo, a gênese e a evolução dos objetos técnicos; e, no terceiro, a essência da tecnicidade. De início, avalia o mal-estar recorrente na sociedade contemporânea relativo aos conhecimentos técnicos – atitude que ensejaria a coexistência entre uma postura dita *tecnofílica* e outra dita *tecnofóbica* – como algo explicável em função de um desconhecimento geral da natureza dos objetos técnicos. Enquanto alguns de nós desejaríamos conhecê-los (e adquiri-los) numa tentativa de acompanhar o fluxo tecnológico e impedir sua obsolescência, outros – rotulados de “conservadores” – não assimilariam, com a mesma facilidade, as inovações provindas dessa área.

Mais adiante, sob a luz de Henri Bergson⁴ e da *gestalt*⁵ dos fenômenos psicobiológicos, levanta uma hipótese sobre a gênese (ou a *ontogênese*) daqueles objetos, definindo o processo pelo qual eles adquirem certa autonomia e individualidade. Segundo essa linha de raciocínio, seria possível traçar uma evolução histórica das técnicas nos seguintes termos:

¹ Filósofo e físico francês especialista em epistemologia e filosofia da ciência. Colega de classe de Jean Paul Sartre e Paul Nizan, preocupou-se em institucionalizar o conhecimento da medicina e da biologia enquanto ciências, buscando seus históricos e conceitos.

² Historiador francês da filosofia no século XVII.

³ Filósofo francês do século XX que abrangeu em sua obra contribuições extremas acerca da fenomenologia, ao colocar o ser humano como centro da discussão sobre o conhecimento.

⁴ Filósofo francês, prêmio Nobel de Literatura de 1927, que escreveu, em 1907, *L'évolution créatrice*. No livro, apresentava uma alternativa para o mecanismo evolutivo de Darwin, sugerindo que a evolução é motivada por um “ímpeto vital”, também entendido como impulso criativo natural da humanidade.

⁵ *Gestalt* é uma palavra de origem alemã. Surgiu em 1523 de uma tradução da Bíblia, significando “o que é colocado diante dos olhos, exposto aos olhares”. Adotada no mundo inteiro, significa um processo de dar forma ou configuração, uma integração de partes em oposição à soma do todo.

- 1ª fase: Pré-História (fase “mágica”)
- 2ª fase: Primeiras Civilizações (escrita, metalurgia)
- 3ª fase: Grécia Antiga (filosofia e mitologia)
- 4ª fase: Império Romano (urbanismo e administração)
- 5ª fase: Idade Média (peso da religião, universidades)
- 6ª fase: Renascimento (racionalismo, humanismo)
- 7ª fase: Revolução Industrial (máquina)
- 8ª fase: Séculos XX e XXI (informática, energias e biotecnologia)

Suas origens remeteriam a uma fase “mágica” (primitiva, pré-técnica, pré-religiosa) na qual o homem teve total contato com o mundo. Essa fase atingiria um estado de saturação rematado por uma bifurcação entre *técnica* e *religião*⁶. A partir do Império Romano, a tecnicidade ganhou força, progressivamente, até os dias de hoje, passando por três estágios: *elemento* (das ferramentas, dos instrumentos) que iria até o século XVI; *indivíduo* (das máquinas) iniciado nos séculos XVIII e XIX; e *conjunto* (das indústrias, das redes) ocorrido já no século XX.

Mais adiante, Simondon leva em conta a resistência aos modos de pensamento técnico no meio não-técnico (a magia, a religião, a estética), pois acredita que somente uma análise da gênese dos objetos técnicos e do conhecimento de seus modos de existência não é suficiente para solucionar o desconforto cultural por eles suscitados. Para o francês, o objeto técnico teria sido inventado, independentemente de qualquer determinação econômica, histórica e social, viabilizando, na presença da realidade humana, uma relação sem dominação, numa espécie de meio associado de evolução correlativa. No fim, ele trata a individuação como um conceito que poderia reconciliar e integrar a realidade técnica à cultura universal para harmonizar as máquinas e as técnicas aplicadas aos seres humanos.

Ao ler *Du mode d'existence des objets techniques*, percebe-se logo que sua intenção é nos conscientizar acerca dos sentidos contidos por aqueles objetos. A máquina passa a ser vista como o que aumenta o fator de *neguentropia*. Em termodinâmica, tal termo é um sinônimo para “força de coesão”, sendo descrita, por Norbert Wiener⁷, como uma *tradução física da informação*. Sob esta ótica, portanto, a máquina passa a ser vista como estabilizadora do mundo, organizadora dos sistemas psíquicos e, eventualmente, sociais e humanos, opondo-se à tendência natural à desordem e à degradação energética.

A evolução dos objetos técnicos

Com frequência, os objetos técnicos são definidos como aqueles que foram construídos, artificialmente, mediante um propósito humano e dotados de um sentido de acordo com suas implicações utilitárias. Aqui, portanto, se constrói um hiato entre os objetos técnicos e os naturais, pois a gênese destes últimos ocorre, independentemente, da vontade

⁶ Simondon sugere que a separação entre a técnica e a religião resultou no fim da fase mágica na qual ambas eram faces de uma unidade perdida. Ele acreditava que o homem está numa busca constante de retomada dessa fase, sendo a arte, de certa maneira, uma tentativa nessa direção (Vargas, 2007).

⁷ Doutor em Ciência da Computação e versado em Lógica e Física, o americano Norbert Wiener (1894-1964) visualizou a informação como quantidade de matéria e energia, contribuindo assim para os avanços da computação, da cibernética e das telecomunicações.

humana. Em *L'individuation psychique et collective*, Simondon problematiza esse hiato simplista e forja uma síntese entre a forma de vida natural e a tecnicidade, para compreender a posição da técnica no mundo e sua evolução: são os conceitos de *individuação coletiva* e de *concretização mecanológica*.

De forma geral, “individuação” é o nome dado a processos pelos quais os “indiferenciados” se tornam “individuais” ou a processos em que componentes “diferenciados” se tornam “indivisíveis” como um todo. Este conceito aparece em vários campos de estudo, seja na sociologia, na psicologia, na filosofia, na teologia, na economia ou na biologia. O termo foi redefinido por vários intelectuais de diferentes áreas, como Arthur Schopenhauer, Sigmund Freud, Friedrich Nietzsche, Charles Darwin, Bernard Stiegler e Gilles Deleuze. É na psicologia analítica de Carl Jung que encontramos a explicação para esclarecer seu significado.

Para Jung, a individuação é um processo central no qual o ser humano evolui de um estado infantil de identificação para um estado de maior diferenciação e ampliação da consciência. Assim, o indivíduo se identificaria menos com as regras do meio em que vive e mais com as orientações emanadas de sua essência (totalidade da personalidade individual). Esse processo não entraria em conflito com a norma coletiva do meio no qual o indivíduo se encontra, já que, para que ocorra, é preciso que o ser humano tenha se adaptado e esteja inserido com sucesso dentro de seu ambiente, tornando-se um membro ativo de sua comunidade.

Simondon teorizou a individuação nos processos técnicos. Para ele, no processo de individuação progressiva (ou operação de “transdução”), é ontológico, permanente e incompleto, sempre deixando um “resíduo pré-individual” capaz de futuras individuações. Cada fase atinge um equilíbrio metastático e possui um potencial de criação de novas formas ou de invenção de novas soluções sem, no entanto, eliminar as antigas: “O indivíduo é individual e continua a se individualizar”.⁸

Ao criticar a teoria cibernética de Wiener, Simondon desenvolveu uma “fenomenologia geral” das máquinas. Para ele, a “matéria que funciona” não seria objeto da física, mas da mecanologia de Jacques Latiffe⁹. Para se tornar um indivíduo, o objeto técnico necessitaria adquirir uma condição especial, denominada por ele de *concretização*. A passagem de um estado de artificialidade e de desarticulação para uma sinergia complexa dos componentes internos do objeto determinaria sua eficiência, e não seus índices de produtividade ou capacidade de intervenção pontual.

Portanto, os objetos técnicos não devem ser entendidos como peças destacáveis, mas sim como resultados de diversos processos contínuos de evolução. Interessante não é o indivíduo técnico que “é” esta máquina ou aquele objeto, mas o processo de individuação que “surge” por meio da série dos objetos técnicos. Isso os aproximaria da noção de indivíduo presente na biologia, em que cada indivíduo constitui um conjunto de dispositivos articulados que formam um corpo em separado.

⁸ Simondon *apud* Sarro, 2000.

⁹ Filósofo que preconizava em 1932 o desenvolvimento de uma ciência das máquinas, a mecanologia, que estudaria os processos evolutivos dos objetos técnicos industriais.

A partir da observação de determinadas máquinas se percebe que a trajetória de vários objetos técnicos resulta numa tendência progressiva à indivisibilidade e à articulação funcional compatibilizada do conjunto dos elementos que o formam. No início, os objetos são considerados abstratos ou artificiais, uma vez que os homens precisam, constantemente, intervir para garantir seu funcionamento. À medida que ocorre essa evolução, a necessidade de participação humana diminuiria e o objeto perderia sua artificialidade essencial. O objeto técnico concreto resulta em um corpo plenamente ajustado, cada vez mais miniaturizado e reticular, guardando várias semelhanças com os seres vivos. Ele poderia existir tanto isoladamente quanto em associação com outros objetos, pois sua constituição integrada e sinérgica o faria prescindir de um suporte exterior.

Fica aberta a possibilidade para uma conceituação diferente dos objetos técnicos, em que sua importância reside menos em uma funcionalidade restrita (automação) e mais no potencial criativo de compatibilidades internas do objeto. Quanto mais um objeto técnico evolui por essência (concretização ou superdeterminação funcional), mais ele fica indivisível e plurifuncional, logo, mais ele se aproxima da individualidade em seu sentido biológico. Ao invés de previsíveis, imóveis e dependentes, como máquinas na fábrica ou plantas na estufa, a concretização dos objetos técnicos resulta em relações inesperadas e não programáveis.

Anne Fagot-Largeault¹⁰ disse, em um colóquio de 1994, que o esquema evolutivo de Simondon não é neodarwinista, já que não comportaria pressões de mutação ou de seleção, pois as soluções inadequadas não são eliminadas. Contudo, conserva uma hipótese criacionista neolamarckiana que considera a participação ativa do indivíduo em seu rearranjo ou sua própria reorganização. Seres naturais seriam concretos desde sua constituição, enquanto os objetos técnicos buscariam, ao final de sua evolução, adquirir essa condição, tornando-se semelhantes e complementares. Tecnicamente falando, seria uma evolução dirigida para o homem, mesmo que esta individuação ocorra de uma forma espontânea e não voluntariamente.

Assim, avaliar a constituição compatibilizada e sinérgica dos objetos e seus dispositivos – não por uma perspectiva utilitária e antropocêntrica – aproximaria os parâmetros de avaliação da esfera técnica aos do mundo natural. Essa discussão aparece, claramente, nos embates atuais relacionados às modernas inovações na área da biotecnologia e da engenharia genética e às atividades pró-ambientais.

Realidade técnica e realidade ambiental

Nas pesquisas de biotecnologia, o mercado capitalista transforma aquilo que parece ser avanço tecnológico em perversão, tanto natural como técnica, que se traduz na impossibilidade do objeto natural manter intercâmbios sustentáveis e dinâmicos com seu meio. Em termos ambientais, por exemplo, é insustentável um ser que não pode se reproduzir (vide algumas orquídeas híbridas).

O pensamento ambientalista define, em linhas gerais, os impasses entre o potencial técnico do homem e os cuidados com o ambiente. O desenvolvimento tecnológico e os aprimoramentos das tecnociências, acoplados ao crescimento industrial, são vistos com

¹⁰ Cátedra de filosofia das ciências biológicas e médicas no Collège de France, Paris.

potencial de destruição do ecossistema, uma vez que redefinam questões de segurança social e ambiental. Portanto, mesmo não sendo causa direta da degradação do ambiente, o avanço técnico – composto por um infinito número de objetos fragmentados e dependentes dos imperativos humanos – é capaz de gerar riscos latentes que incidem sobre os agentes sociais mais variados e, de maneira inusitada, se situa em uma posição de concorrência em relação às qualidades e potencialidades da cultura.

Simondon afirma que os movimentos que defendem o ambiente são incapazes de entender a técnica como parte das questões ambientais e igualmente sujeita às interferências do industrialismo e do projeto de mercado capitalista. Isso corrobora com seus questionamentos sobre tecnofobia e tecnofolia.

A realidade técnica é vista, comumente, por todos os setores sociais, como um espaço de inovação inesgotável e de ampliação quantitativa. Para Simondon, o automatismo em sua utilização industrial possui um significado econômico ou social mais relevante do que sua significação técnica, uma vez que o rendimento propriamente técnico seria pervertido por e submetido às ordens econômicas assentadas. Utiliza-se o conhecimento técnico unicamente para fins de acumulação e perfeccionismo econômico, sem respeitar os parâmetros técnicos de evolução e de eficiência inscritos no processo de invenção e evolução dos objetos (individualização da tecnologia).

O autômato perfeito corresponde à máquina auto-suficiente, ou seja, aquela cujo funcionamento dependeria, exclusivamente, das articulações de seus componentes. No entanto, ele lembra que uma das características básicas dos objetos técnicos construídos pelo homem consiste no fato de que eles são feitos a partir de informações que advêm de seu exterior e lhe fornecem o sentido de seu funcionamento. Uma máquina representaria *a materialização do pensamento humano, que forja conexões e as inscreve no objeto*. Dessa forma, a máquina não é um ser fechado em suas engrenagens, mas um sistema aberto, propenso ao diálogo e à troca constante de informações. Objetos técnicos automáticos não permitiriam tal diálogo nem formas de exploração criativa por sacrificarem tanto as possibilidades de funcionamento quanto as utilidades possíveis, o que os desvalorizaria dentro de uma perspectiva de perfeição técnica. Trata-se de um dos grandes desafios da inteligência artificial.

Frente a toda essa situação, percebe-se que Simondon é mais otimista que Martin Heidegger¹¹ (para quem a técnica seria uma “vontade de domínio” e um “meio de incrementar o fazer”) e Jacques Ellul¹² (para quem a cultura técnica seria um abuso de senso e de não-senso num sistema autônomo e anti-humanista). Ele viu a necessidade de salvar a técnica no mundo industrial. Da mesma maneira que a problemática ambiental implica em um projeto coletivo de tomada de consciência e alteração nos padrões de produção econômica e decisão política, os objetos técnicos precisam ser resgatados em favor de suas próprias condições de rendimento e de eficácia. As duas dimensões – a técnica e a ambiental – precisariam ser unidas mediante práticas complementares, tendo a individualização como um fator de equilíbrio metaestável.

¹¹ Heidegger, 2002, pp. 11-38.

¹² Ellul, 1968, pp. 1-62.

Fundamentos para o design

A diversidade de coisas feitas pelo homem aponta para a história de uma busca pela evolução técnica dos objetos. O design se configura como uma peça quase ubíqua no planejamento e no desenvolvimento dos objetos do mundo moderno e, ainda, se apresenta como um processo de ordenação dos meios de comunicação, no que diz respeito à semiótica e a transmissão de informação.

Com essa certeza, o historiador Rafael Cardoso coloca a crítica ao funcionalismo como uma meta prioritária do design e acredita que o designer precisa assumir sua tarefa de atribuir significados extrínsecos aos objetos, em vez de se refugiar na idéia desgastada da adequação forma/função ao bom objeto. Cabe o design conciliar qualidade, criatividade e viabilidade no projeto dos objetos úteis e isso tende a ter uma enorme importância no mercado consumista.

Em *A evolução das coisas úteis*, Henry Petroski aponta diversos exemplos disso. Questiona também a doutrina do funcionalismo do design e introduz a idéia de que a falha é importante para a compreensão dos processos de concretização dos objetos. Ele apresenta o raciocínio de David Pye que diz que a forma dos objetos criados é decidida por escolha ou então por acaso:

O conceito de função em design, e mesmo a doutrina do funcionalismo, poderá merecer alguma atenção se as coisas invariavelmente funcionassem. É, contudo, bastante óbvio que nem sempre funcionam. Na verdade, algumas vezes penso se nosso motivo inconsciente de fazer tanto trabalho inútil seria mostrar que, se não somos capazes de fazer as coisas funcionarem direito, pelo menos podemos fazer com que tenham uma boa aparência. Nada do que projetamos ou construímos realmente funciona. (...) Nossa mesa de jantar deveria ser variável em tamanho e altura, removível por completo, imune a arranhões, autolimpante e sem pernas. Nunca conseguimos um desempenho satisfatório. Tudo aquilo que projetamos e fabricamos é um improviso, um quebra-galho, algo inepto e provisório. (Pye *apud* Petroski, 2007)

Podemos encontrar falhas em qualquer objeto comum se o analisamos com severidade. Essa imperfeição onipresente, tão exagerada por Pye, é o traço comum em todos os produtos fabricados que impulsiona o desenvolvimento de uma marcha evolucionária. O que nos chama a atenção são as coisas que fogem à regra. É mais fácil detectar as diferenças do que aquilo que está “certo”. Compreendemos, assim, a razão pelo qual fala-se em um “design aperfeiçoado” por meio de mudanças sucessivas, supostamente, melhores. Um design pode ser considerado bem sucedido quando se atinge um equilíbrio entre forma e contexto (uso).

Em *The meanings of modern design*, Peter Dormer crê que o futuro do design está numa postura ética frente à sua produção e às suas relações com o mundo. Uma vez que o produto de um designer pode ser desejado e testado, deve ter cuidados com o óbvio necessário, como a clareza de definição e de potencial de uso, a segurança e a satisfação do usuário. Neste ponto, Dormer se aproxima de Petroski e Simondon. Para ele, o designer deve

ser um agente de transdução, ou seja, deve enxergar os processos evolutivos do objeto técnico – suas imperfeições e seus aperfeiçoamentos (individuação) – para alcançar seu potencial máximo de utilização (concretização).

Mas não é apenas no design de produtos que a individuação se encaixa. A definição desse conceito em um dicionário nos dá a base para o entendermos como fundamento de design como um todo:

individuação. *S. f. 2. Filos. Escol.* Realização da idéia geral em cada indivíduo singular.

Realizar uma idéia em cada indivíduo singular é o objetivo do design. O design corporativo é um bom exemplo, pois oferece mais à companhia do que uma simples mudança visual. No entendimento da empresa japonesa PAOS¹³, o design não se limita às artes gráficas, à identidade visual, ao design de produtos ou de embalagens. Qualquer forma de expressão corporativa seria detentora de valor e de estética, e, conseqüentemente, teria potencial para diferenciar a empresa e seus produtos da concorrência. Alguns vêem isso como o próprio processo de individuação do design, sendo o *branding* um resultado de sua concretização enquanto área de conhecimento.

A razão dos nomes corporativos estarem por todo o lugar é que o branding é a chave da cultura comercial. Colocar sua marca em tudo que estiver no conjunto é o coração do marketing moderno. Branding era inevitável. Tinha que acontecer. (Twitchell, 1999, p. 166)

Por isso, diz-se que o branding representa esse estágio atual de evolução da própria marca, mais maduro. (Nunes & Haigh, 2003, p. 74)

Para o consultor em design corporativo Norberto Chaves, as intervenções sistemáticas sobre a imagem das empresas e das instituições experimentaram um significativo processo evolutivo, pois se multiplicaram até o ponto da generalização, como forma regular de gestão, excedendo seus alcances e marcos iniciais. Passa-se a falar em um sistema interdisciplinar de ações que busca construir uma proposta inovadora de identidade de marca através do estabelecimento de imagens, percepções e associações pelas quais diversos públicos que influenciam uma organização irão se relacionar com um produto, serviço ou empresa.

Chaves acredita que essas novas especializações profissionais não contam com uma estrutura disciplinar clara ou com um respaldo teórico específico. O processo de cristalização – semelhante ao processo de concretização de Simondon – se apoiaria, então, em estruturas preexistentes e um instrumental teórico-técnico eclético. Assim como Simondon diz que os objetos técnicos precisam sair da obtusidade e ter seus processos analisados com seriedade,

¹³ Fundada por Motoo Nakanishi em 1968, a empresa colocou a prática do design dentro das estratégias de negócio e desenvolveu relevantes projetos de identidade para grandes corporações japonesas. Sempre investiu, portanto, nos campos da teoria, da gestão e da metodologia do design. Ver mais no *site* www.paos.net.

Chaves afirma que estas práticas necessitam com urgência de um processamento analítico que resulte numa bibliografia teórica específica, sólida e extensa.

Flüsser nos lembra do tempo que a escrita levou para ser assimilada pela humanidade. Isso indica que, para amadurecer e se consolidar como prática profissional legítima (mesmo que para isso seja preciso impor seus limites e assumir sua interdisciplinaridade), o design precisa de um tempo não-previsível, independente dos anseios sociais, políticos e econômicos.

O design poderia, portanto, até certo ponto, ser comparado a um objeto técnico que ainda necessita passar pelos procedimentos da individuação e da concretização. A este respeito, as teorias de Simondon, excedendo os limites do universo da filosofia, teriam, sem dúvida, muito a esclarecer sobre os novos termos de realização – ora em plena construção – do próprio design.

Referências

ANDRADE, Thales de. Intersecções entre o ambiente e a realidade técnica: contribuições do pensamento de G. Simondon. In: **Ambiente & Sociedade**. nº 8. Campinas, janeiro / junho 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2001000800006&script=sci_arttext>.

CARDOSO, Rafael. Design, cultura material e o fetichismo dos objetos. In: **Arcos**. v. I. Rio de Janeiro: PPD / ESDI / UERJ, ContraCapa, 1998.

CHAVES, Norberto. **La imagen corporativa**. Teoría y metodología de la identificación institucional. Barcelona: Gustavo Gili, 1988.

DORMER, Peter. **The meanings of modern design**. London: Thames & Hudson, 1990.

ELLUL, Jacques. **A técnica e o desafio do século**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FLÜSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002.

NUNES, Gilson & HAIGH, David. **Marca: valor do intangível, medindo e gerenciando seu valor econômico**. São Paulo: Atlas, 2003.

PETROSKI, Henri. **A evolução das coisas úteis: cliques, garfos, latas, zíperes e outros objetos de nosso cotidiano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

RODRIGUES, Delano. **Branding? Mas o que é isso mesmo?** Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.designbrasil.org.br/portal/opiniao/exibir.jhtml?idArtigo=820>>. Acesso em: 12 set. 2006.

SARRO, Phillipe. Retours en arrière. Gilbert Simondon. Du mode d'existence des objets techniques Méot 1958. In: **Publicscopie**. Notes de Lecture. nº2. novembro 2000. Disponível em <www.admiroutes.asso.fr/larevue/2000/2/simondon.htm>.

TWITCHELL, James B. **Lead us into temptation: The triumph of american materialism**. EUA: Columbia University Press, 1999.

VARGAS, Milton. Técnica, Tecnologia e Ciência (I). In: **Revista Pesquisa**. São Paulo: FAPESP, janeiro/fevereiro 1999. Disponível em <www.revistapesquisa.fapesp.br/index.php?art=549&bd=1&pg=1&lg=>